

Higienização, o que mudou?

Adson Lucas Aleixo Duarte

Graduando em Ciências Biológicas, adora fotografias de animais em vida livre e café;

Elida Cassandra de Souza Teixeira

Graduanda em ciências biológicas e apaixonada por literatura e café;

Inailson Márcio Costa da Cunha

Graduado em Ciências Biológicas e professor da rede pública de ensino;

Ítalo Ferreira Pereira

Graduando em Ciências Biológicas que adora podcasts, literatura e fazer uns desenhos nos tempos livres;

Marcelo Moreira de Carvalho

Graduando em Ciências Biológicas, adora peixes, livros e chá;

07

Resumo: A pandemia de COVID-19 afetou o dia-a-dia da sociedade como um todo. Neste sentido, a educação, que foi uma das áreas mais afetadas, se viu forçada a reformular seu funcionamento em questões ligadas à higiene e biossegurança pensando em uma eventual volta às aulas presenciais. Pensando nisso, este trabalho teve como intuito verificar os possíveis impactos decorrentes do contexto pandêmico na percepção acerca de hábitos de higiene pessoal e coletiva do corpo escolar. Foi utilizado como método de pesquisa exploratória e descritiva, a utilização de questionário online com perguntas abertas e fechadas que foram disponibilizadas para professores, alunos e gestão da Escola Municipal Juvenal Lamartine, localizada em Natal-RN. Por meio dos resultados obtidos foram observadas expressivas mudanças nas questões vinculadas à saúde individual e coletiva. E que essas mudanças de cenário podem refletir até mesmo na implementação do protocolo de biossegurança proposto pelo governo.

Palavras-chave: Mudança de hábitos, saúde coletiva, higiene, pandemia;

Introdução

A realidade imposta pela Pandemia do Covid-19 impactou o ensino presencial em todos os contextos socioeconômicos no Brasil. Em função do distanciamento social, as aulas, assim como cumprimento de disciplinas e estágios obrigatórios passaram a ser executados em formatos remotos emergenciais. Este trabalho corresponde à pesquisa realizada durante a disciplina de Estágio à docência I, que foi realizada na Escola Municipal Juvenal Lamartine, com encontros remotos, devido a Pandemia do Covid-19, trazendo uma experiência inédita para os estagiários, supervisor e gestão.

Várias adaptações tiveram de ser feitas para que essa atividade fosse realizada com êxito. Devido aos protocolos de biossegurança, não foi possível conhecer os espaços físicos da escola e essa visualização das dependências foi feita a partir do olhar do supervisor e das fotos encontradas na internet.

Essas mudanças e adequações também tiveram seu peso na comunidade escolar de forma geral (professores e alunos), onde os alunos também foram submetidos a realizações de atividades remotas, que foram enviadas por grupos de WhatsApp, e-mail ou até mesmo aulas transmitidas pelo sistema de TV local, sendo estas últimas, destinadas apenas aos alunos do 9º ano. O que, no entanto, mesmo com o envio de atividades, o número de alunos participantes se mostrou inferior ao desejado.

A escola se localiza entre os bairros do Alecrim, Barro Vermelho e Lagoa Seca, recebendo uma grande parte dos seus alunos do bairro Alecrim, mas também com demanda de outros bairros devido ao seu reconhecimento principalmente no que diz respeito à educação especial, visto que a escola ao longo dos anos se mostrou receptiva e referência quanto à essa modalidade educacional. Considerando o contexto socioeconômico, o retorno dos alunos às atividades propostas

remotamente demonstra ser problemática em grande parte devido às dificuldades de acesso a um aparelho móvel ou à internet, além de que uma grande parcela desses estudantes, se localizam em bairros pobres e, conseqüentemente, possuem uma renda limitada. Sendo assim, há uma enorme perda de rendimento e engajamento dos alunos com as demandas escolares, quando comparado ao ensino presencial.

Quanto aos equipamentos tecnológicos, a escola possui laboratório de informática, embora com certa precariedade, já que são computadores antigos e pouco funcionais. Além disso, não possui laboratório de ciências, sendo que na eventualidade de uma aula prática, o professor utiliza materiais provenientes da cozinha da escola ou do seu armário pessoal.

A escola está localizada em uma zona não saneada e, por essa razão, a rede de esgotos, por vezes, apresenta mau cheiro nas proximidades. Quanto aos materiais de uso cotidiano, é frequente a falta de papel toalha, sabonete e outros insumos higiênicos. Alternativamente, professores e gestão assumem iniciativas para aquisição e reposição de materiais de limpeza, ainda que isso seja com recursos pessoais.

Após a pandemia, criou-se um protocolo para tentar criar ajustes de medidas higiênicas como a construção de novas pias e outras adequações. Álcool em gel possivelmente não será adquirido, visto o alto custo e a alta demanda de utilização, o que faz com que seja substituído pelo sabão tradicional e por água sanitária.

Devido às altas demandas do corpo docente, a instituição infelizmente não consegue realizar muitos projetos, mas conta com duas iniciativas de importância: arrecadação de roupas e posterior venda com custo mais baixo para alunos carentes da própria escola através de um bazar interno; e iniciativa voltada para incentivar a leitura, onde alunos que mais leram livros ao longo do ano letivo, são contemplados com pequenos prêmios e/ou medalhas. Outra ação que beneficiou os alunos e suas respectivas famílias foi a entrega de cestas básicas em uma ação conjunta com a comunidade.

Quanto à comunicação social, a Juvenal Lamartine conta com perfis no Instagram, Facebook e um blog, embora esteja desatualizado. No entanto, os responsáveis pelas redes sociais mais recentes, tentam manter postagens de engajamento e demonstração de atividades coletivas realizadas no âmbito escolar.

A partir da imersão no estágio, viabilizado pelos encontros e discussões com o supervisor, ficou evidenciado a dificuldade que a escola enfrenta quanto à disponibilização de produtos e utensílios de limpeza essenciais para a manutenção da higiene no espaço escolar. Recursos financeiros limitados possuem grande peso na aquisição de insumos, restringindo a adoção de práticas sanitárias dentro da escola, como por exemplo, a falta de detergente e papel toalha nos banheiros.

Nesse sentido, dentro da comunidade escolar fica o questionamento acerca das adequações às novas medidas de higiene e biossegurança no contexto da pandemia da Covid-19. Sendo, portanto, necessário um olhar aberto sobre o que é compreendido por alunos, professores e gestores acerca da necessidade de mudança nos hábitos de higiene. Os impactos da Pandemia

acentuaram ainda mais as fragilidades pré-existentes, e nesse sentido, são necessários esforços voltados para compreender como o corpo escolar enxerga e age sobre a temática.

Até o presente momento, a Escola se adaptou para uma realidade de distanciamento social, onde estudantes passaram a ter aulas em casa, por modalidade remota, enquanto o protocolo de biossegurança é desenvolvido e o corpo docente orientado. O protocolo estabelece, além de meios financeiros voltados para a aquisição de insumos de limpeza, uma série de normas e ações pedagógicas que demandam esforços conjuntos de toda a comunidade. Pais, alunos, professores e demais funcionários precisarão compreender e pôr em prática atitudes antes até pouco atendidas, como a higiene coletiva. Antes da suspensão das aulas presenciais, o tema de higiene e saúde era trabalhado no componente de Ciências, não havendo uma ação de transversalidade entre diferentes saberes.

Fica evidente que munir a escola com mais equipamentos ou produtos de limpeza não garante mudanças nas condutas do corpo escolar. Ações pedagógicas integrativas, voltadas para reforçar a higiene coletiva como algo que permeia o bem-estar e segurança pública são essenciais para mobilização eficiente.

De acordo com Santos et al. (2020), a pandemia nos colocou diante de uma realidade diferente do que estávamos acostumados, forçando a adaptação de novos hábitos do cotidiano, buscando outras formas de rotina e meios de higienização. Sendo assim, há, portanto, a necessidade de uma temática que avalie a mudança no comportamento e atitude dos alunos a partir da adequação emergencial que tivemos no presente ano, visando um eventual retorno das aulas presenciais. Quando a pandemia atingiu o Brasil, em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) alertou para que as pessoas lavassem as mãos, usassem álcool em gel e evitassem levar a mão nas mucosas como forma de evitar o espalhamento e consequente infecção viral. Por conseguinte, “a prática da higienização das mãos pela ação de fricção com água e sabão diminui a ocorrência das infecções preveníveis, reduzindo a morbimortalidade em serviços de saúde” (OLIVEIRA et al., 2020).

O uso de máscaras faciais passou então a ser um item obrigatório em espaços de socialização, como ruas, praças e mercados. Apesar dos esforços para cumprimento de medidas sanitárias, a compreensão dessa necessidade ficou pouco integrada à realidade de muitas comunidades brasileiras. Santos et al. (2020) esclarecem que as medidas sanitárias e de saúde brasileiras foram produzidas baseadas em ações adotadas por outros países, sem se atentar para a realidade nacional, que apresenta acima de tudo, uma grande heterogeneidade social. Isso implica em dizer que não há fórmula pronta aplicável para todos os diferentes contextos sociais. Ao invés disso, cada país é responsável por investigar suas fragilidades e trabalhar da melhor maneira possível. No caso do Brasil, a começar pelo suprimento de necessidades básicas como água potável e pela conscientização social.

Considerando as informações supracitadas, compreende-se que a primeira etapa para um engajamento coletivo parte da compreensão que cada indivíduo tem de seu papel na coletividade.

Acessar esse conhecimento é, portanto, uma forma de avaliar o contexto social maior dentro de um contexto escolar. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo verificar a percepção e os possíveis impactos sobre hábitos de higiene pessoal e coletiva de professores, alunos e gestão da Escola no contexto atual da Pandemia de Covid-19.

Método

Para a realização do presente trabalho, utilizamos o método de pesquisa exploratória e descritiva, recorrendo à utilização de questionário online. O questionário foi desenvolvido utilizando-se de perguntas fechadas, assim como abertas, nas quais abrangem hábitos dos alunos, percepções de como e se os hábitos de higiene foram afetados pela Pandemia, entre outras perguntas. O formulário foi desenvolvido na Plataforma do Google Forms e pôde ser acessado através do link: <https://forms.gle/WC3e6K6Qe7DokZv77>. O corpo escolar foi contactado através de redes sociais como grupos de WhatsApp, em que junto ao link, foi anexado um vídeo introdutório onde pontuamos os principais objetivos do projeto. Nossa intenção foi encorajar a participação dos alunos, professores e gestão escolar, fazê-los entender em poucos instantes do que se trata a pesquisa e como a participação deles é relevante para a construção dessa narrativa.

O formulário intitulado: “Higiene, o que mudou?”, continha, na primeira seção, uma introdução com esclarecimentos gerais e uma breve apresentação do projeto. Na mesma repartição, havia a opção de o participante afirmar se deseja ou não participar da pesquisa. Caso afirmasse que sim, deveria continuar com os questionamentos das seções seguintes, caso contrário, seria encaminhado para a seção final que agradecia a participação e finalizava o formulário. O participante que desejasse continuar, deveria responder às perguntas formuladas sobre a temática.

Resultados e discussão

Observando a quantidade de participantes que resolveram colaborar com a pesquisa, obtivemos o maior percentual de participação advindo de estudantes do 7º e 8º ano. De uma totalidade de 255 alunos que estão matriculados do 6º ao 9º ano, foi possível obter respostas de 27 destes, além de outras oito respostas que vieram de professores, funcionários e da gestão escolar (Figura 1).

Ao analisar a quantidade de respostas que corresponde a uma baixa porcentagem quando comparado ao total, é possível que tal resultado tenha ocorrido, principalmente, devido aos impactos da pandemia, a dificuldade de acesso contínuo à internet e até mesmo devido à falta de aparelhos eletrônicos, visto que uma grande parcela dos estudantes são de baixa renda e também sofrem com os fortes impactos da pandemia.

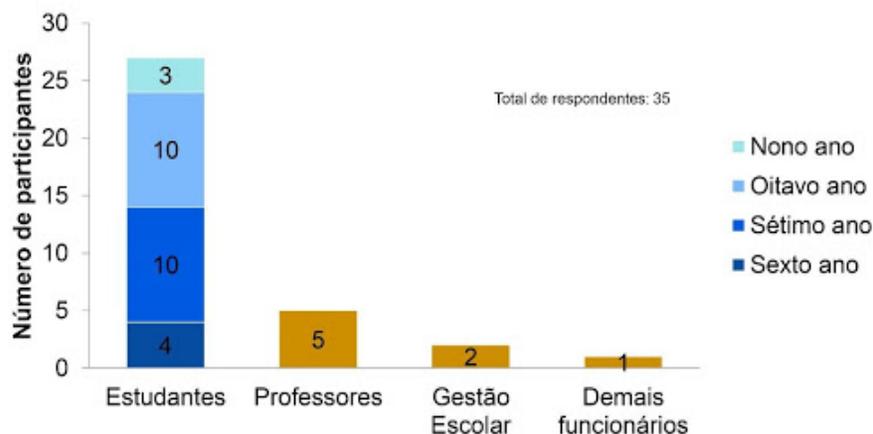


Figura 1. Quantitativo de participantes entrevistados e suas ocupações na Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

Ao analisar os meios de acesso pelo qual os estudantes adquirem informações sobre as orientações de saúde (Figura 2), a opção “Casa” foi a de maior destaque, com 24 respondentes, seguida pela escolha de “Programas de televisão/Jornal/Rádio” que atingiu a contagem de 21 pessoas, além de ser a opção de resposta que engloba as quatro categorias de entrevistados. No que diz respeito à internet, é possível observar que participação não foi tão massiva e isso pode ser explicado pelas condições socioeconômicas dos entrevistados que, como citado anteriormente, residem em bairros carentes da cidade de Natal/RN. Por último, as opções “Amigos” e “Igreja” foram as menos contempladas e isso pode ser explicado devido às normas de distanciamento social que restringiram a abertura dessas instituições por um período de tempo.

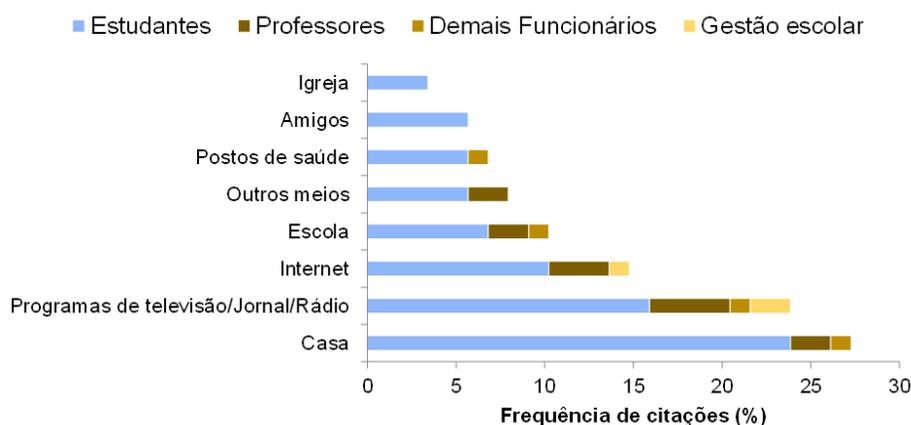


Figura 2. Principais meios de acesso a orientações de higiene elencados pelo corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

Quando questionados sobre o hábito de higienizar as mãos e a utilização do álcool em gel (Figura 3), os entrevistados, em sua totalidade, afirmaram que a utilização do segundo, parece ser ainda mais frequente e de maior importância que o primeiro. No outro extremo do gráfico, é possível observar que 2 dos 27 respondentes da categoria “estudantes” afirmam que o hábito de lavagem das mãos nunca ocorre e que, devido a isso, mostra-se como de pouca importância. Esse tipo de resposta, se apresenta como um indicador importante para se estar atento aos fatores que levaram

a ela, visto o contexto social e que estes são os principais meios de contato físico entre pessoas e objetos.

Em um contexto geral, observa-se que a maior parte dos estudantes, gestão e funcionários demonstram a importância dos meios de higienização a partir da frequência com que os utilizam. Esses dados, portanto, se apresentam como um demonstrativo de preparos mínimos de biossegurança, caso haja um gradual retorno das aulas presenciais.

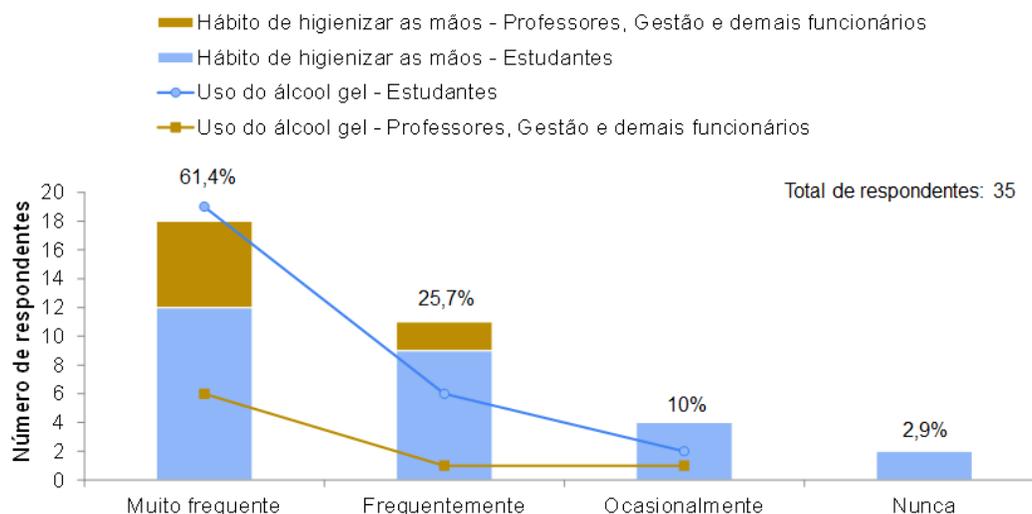


Figura 3. Frequência do hábito de higienização das mãos e uso de álcool gel pelo corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

É possível observar diferentes percepções sobre o impacto da pandemia nos hábitos de higiene e o alto número de pessoas que tiveram que aumentar os cuidados com a assepsia, tendo apenas 2% dos respondentes que afirmam não ter sentido essa mudança (Figura 4).

Na região esquerda do gráfico, 16 respondentes que variam entre estudantes e demais funcionários do corpo escolar, afirmam que a pandemia foi extremamente impactante sobre seus hábitos de higiene. Esse alto número de pessoas pode ser explicado pelas novas mudanças pelas quais tiveram de se adaptar, como por exemplo, o maior cuidado pessoal e o maior número de vezes que é necessário lavar as mãos ou fazer uso do álcool em gel.

Observa-se ainda que cerca de 17% dos entrevistados, afirmam que foram moderadamente impactados com estas mudanças. Isso pode ter ocorrido no caso de pessoas que já possuíam os hábitos e apenas tiveram que aumentar a frequência, ou ainda os indivíduos que realmente não conseguiram observar mudanças drásticas em seu cotidiano.

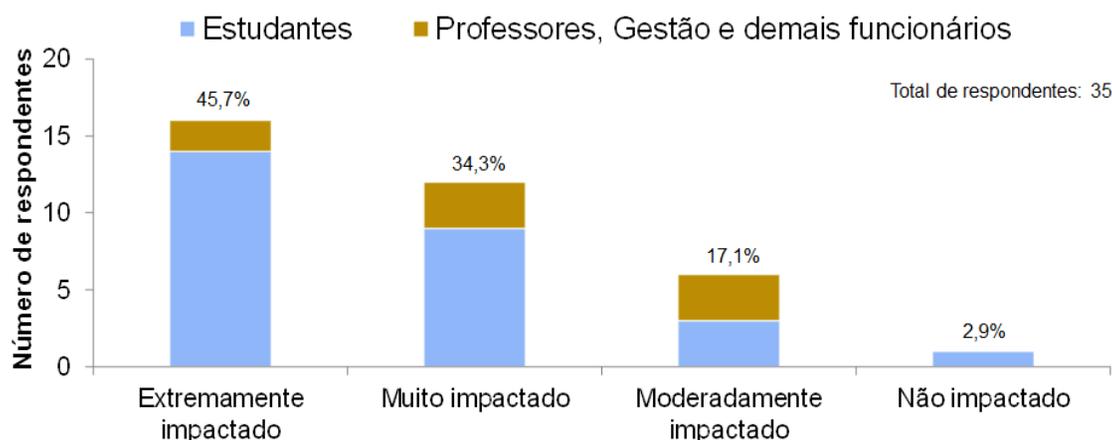


Figura 4. Autoavaliação dos impactos nos hábitos de higiene decorrentes da Pandemia Covid-19 no corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

A Figura 5 nos traz um panorama no qual é revelado que todos os respondentes fazem o uso da máscara e também seguem esta recomendação de biossegurança da Organização Mundial de Saúde e os outros órgãos, mas ainda vemos um grupo que corresponde à 17,1% e que apenas faz o uso da máscara em locais obrigatórios, sendo a maioria desse público constituído por estudantes.

Esse resultado revela ainda que a grande parcela dos entrevistados que corresponde a 29 pessoas e que usa a máscara sempre que precisa ir às ruas, apresenta um maior preparo e compreensão das normas de controle da pandemia. Já a parcela que afirma utilizar apenas em locais obrigatórios, levanta o questionamento se parte desses alunos poderia, ocasionalmente, apresentar resistência ao uso de máscara em sala de aula, caso as aulas tivessem de voltar em um curto espaço de tempo.



Figura 5. Situações de uso de máscara facial indicadas pelo corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

Quanto ao questionamento acerca do uso de máscaras (Figura 6), 74,3% dos estudantes afirmam sempre utilizar em ambientes sociais, no entanto, a outra parcela de respondentes afirma utilizar apenas às vezes. É possível ainda, notar que da totalidade de respostas, nenhum estudante ou funcionário do corpo escolar afirmou não utilizar a máscara em ambientes sociais.

Ao analisarmos o gráfico, o questionamento levantado na Figura 5 se intensifica, pois há um acréscimo do número de pessoas que só faz o uso da máscara em ambientes sociais apenas às vezes, principalmente por parte dos estudantes. Isso faz com que haja uma maior preocupação acerca do uso deste equipamento de proteção individual dentro da sala de aula.

Esse resultado torna evidente um possível desafio que seria manter o uso frequente da máscara por parte deste público em um ambiente escolar que comporta uma alta quantidade de estudantes por sala de aula.

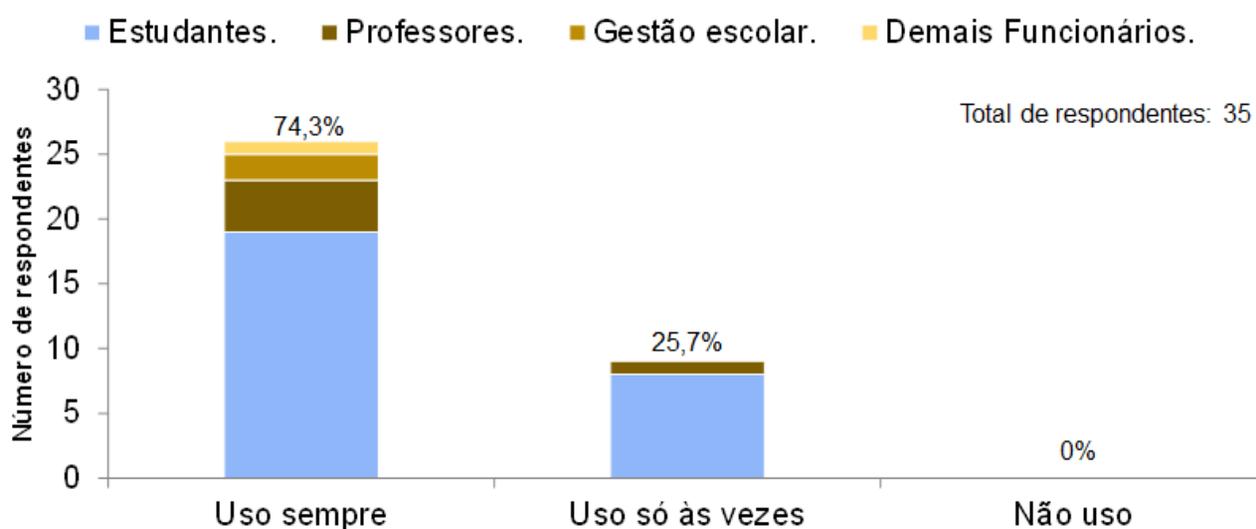


Figura 6. Frequência de uso de máscara facial em ambientes sociais indicada pelo corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

A análise descritiva nos mostra que, conforme os dados coletados, uma parcela significativa das respostas (94,3%) dão a crer que a maior parte das pessoas do corpo escolar em uma eventual volta às aulas presenciais não pretendem fazer o uso de bebedouros coletivos (Figura 7), o que poderia vir a ser um indicativo da preocupação gerada pela pandemia com o uso compartilhado de objetos pessoais e principalmente os que são levado à mucosa. Foi observado ainda que 5,7% dos alunos responderam que não viam algum problema, o que faz-se perceber a importância de critérios avaliativos para compreender as razões pelas quais isso se deve, ainda que se considere o fato de que é um aluno de 6º ano, se teria relação com falta de informações, desinteresse, negação ou por outros fatores.

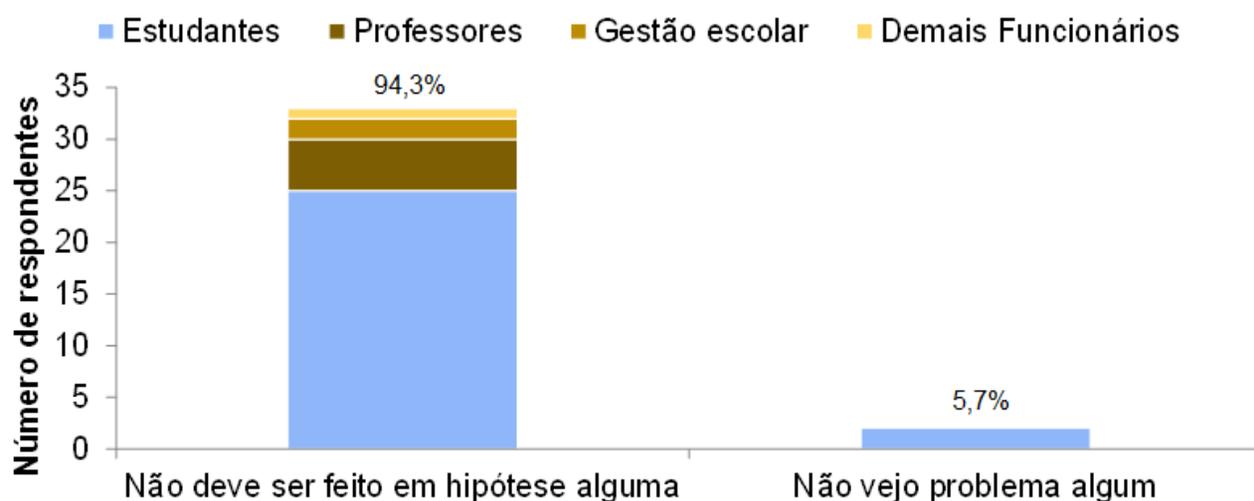


Figura 7. Condições de uso de bebedouros coletivos e compartilhamento de copos entre pessoas pertencentes ao corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

Por meio do questionário foi possível observar que, mesmo em períodos anteriores à pandemia, uma maior parcela de todo o corpo escolar já fazia a higienização de seus alimentos (40%). 34,3% somando alunos e professores, afirmaram ter mudado seus hábitos de higiene durante a pandemia e 22,9% dos estudantes, docentes e gestão escolar relataram lavar apenas os alimentos naturais (Figura 8). Uma observação interessante foi o fato de 2,9% da gestão escolar dizer que não costuma higienizar seus alimentos.

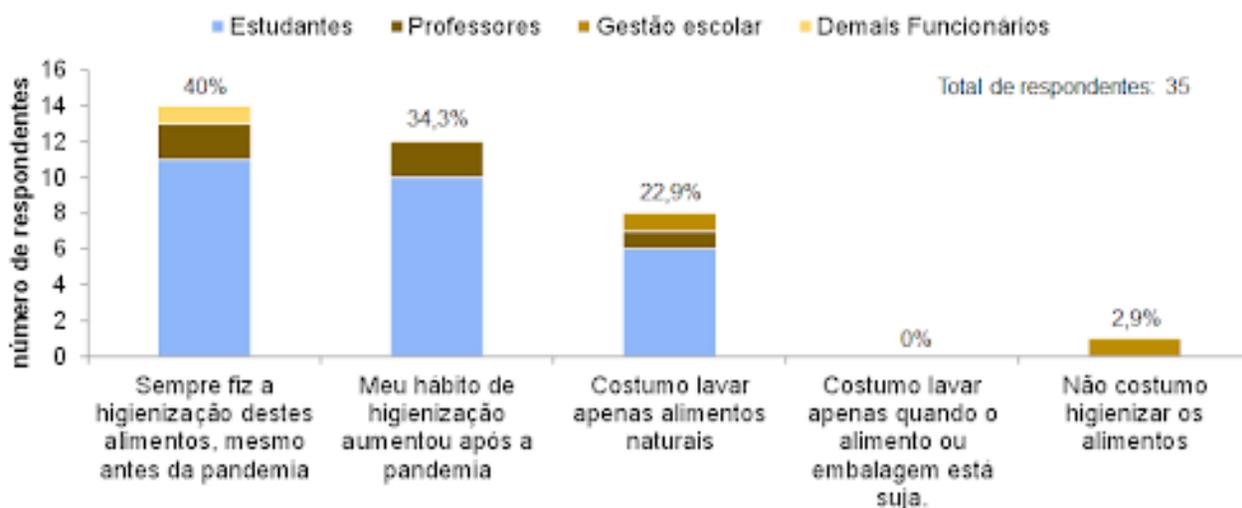


Figura 8. Condições de higienização de alimentos comprados em mercados e feiras livres vivenciadas pelo corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

A maioria dos estudantes, professores e ainda um percentual da gestão relataram ter água encanada e tratamento de esgoto onde moram (82,9%). Quando feita a análise dos dados quanto à gestão escolar estes ficaram igualmente divididos entre ter todo o tratamento de água e não ter, embora todos tenham respondido possuir água encanada. Os demais funcionários que responderam disseram possuir água encanada, mas não tratamento de esgoto (Figura 9).

É importante ressaltar que 2,8% dos estudantes disseram não ter nem água encanada nem

tratamento de esgoto, o que pode indicar, portanto, que por mais efetivas que sejam as medidas de biossegurança, se não houver investimento em áreas onde o tratamento de água é defasado, as condições higiênicas continuarão favoráveis à disseminação de doenças e patógenos. Além disso, enquanto toda a população não tiver acesso a mínimas condições de saúde, as desigualdades irão continuar se intensificando.

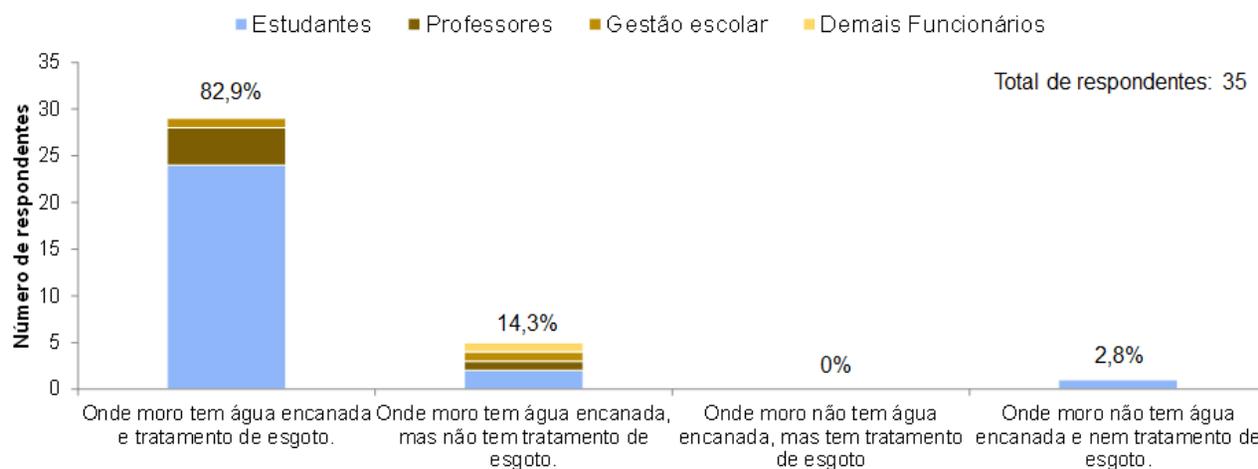


Figura 9. Condições de abastecimento de água e tratamento de esgoto vivenciadas pelo corpo escolar da Escola Municipal Juvenal Lamartine - Natal/RN no ano de 2020.

Os relatos de estudantes, gestão, professores e demais funcionários indicam mudanças tanto gerais quanto específicas nos hábitos de higiene durante a Pandemia Covid-19 (Tabela 1). A partir da categorização das mudanças relatadas, torna-se evidente que a maior parcela dos comportamentos se direcionaram para os cuidados pessoais, com maior frequência para lavagem das mãos, uso de álcool gel, assim como trocas de roupa após chegar em casa; além de hesitação em tocar o rosto após o manuseio de superfícies expostas.

A segunda categoria de mudanças nos hábitos de higiene refere-se aos cuidados coletivos, onde o uso de máscara facial e redução do contato físico entre pessoas configuram mudanças comuns mais mencionadas. No espaço doméstico, as principais mudanças de higiene relatadas estão relacionadas à utilização de mais agentes desinfetantes, como água sanitária e álcool na limpeza das casas, roupas, sapatos e embalagens de alimentos consumidos.

Categorias observadas	Exemplos	Estudantes	Professores, Gestão e demais funcionários
Cuidados pessoais	Lavagem frequente das mãos; uso de álcool gel; hesitação em tocar o rosto.	31	8
Cuidados coletivos	Uso de máscara facial; redução de contato físico com outras pessoas.	5	5
Cuidados domésticos	lavagem frequente do ambiente doméstico; limpeza de alimentos, de roupas e sapatos.	4	2

Tabela 1. Principais mudanças nos hábitos de higiene relatadas pelo corpo escolar da Escola Juvenal Lamartine durante a Pandemia Covid-19.

O compilamento e síntese das narrativas dos entrevistados revelou pontos de aproximação comum e de particularidades entre os segmentos do corpo escolar (Figura 10). Palavras relacionadas às trocas de roupas, uso de máscara e álcool gel apresentaram maior destaque entre as mudanças de hábitos de higiene vividas por todos os segmentos escolares. Em contrapartida, palavras relacionadas à limpeza de alimentos, água sanitária, reforço na higiene e cuidados com a saúde, foram mais expressivas entre os estudantes. Professores, gestão e demais funcionários mencionam mudanças ligadas ao distanciamento físico entre pessoas, higienização de solado de sapatos e sandálias, bem como hesitação em tocar o rosto.

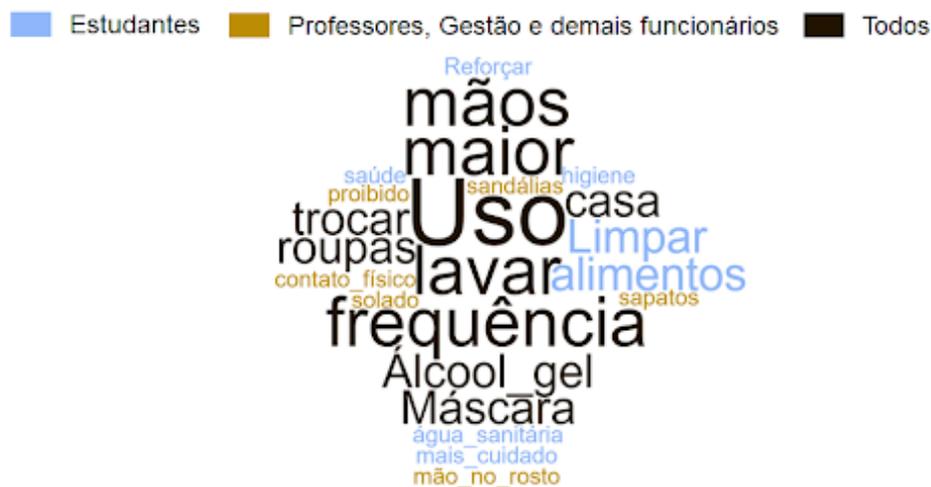


Figura 10. Nuvem de palavras gerada a partir dos relatos dos hábitos de higiene vivenciados pelo corpo escolar da Escola Juvenal Lamartine durante a Pandemia Covid-19.

Conclusão

Os resultados adquiridos da pesquisa realizada na escola Juvenal Lamartine, nos dão a possibilidade de conhecer o ponto de vista dos alunos, professores e demais funcionários sobre a mudança de hábitos relacionados à higienização que ocorreram durante a pandemia do Covid-19. Esses dados obtidos levam à reflexão acerca de um possível retorno das atividades presenciais, o que, mesmo com protocolo de biossegurança disponibilizado pela escola, demandaria um nível de compromisso compartilhado entre todo o corpo escolar e que, como pôde ser visto, está dentro do padrão mínimo do que se espera para encontros presenciais.

Observa-se que, embora o número de estudantes que participaram da pesquisa ainda seja baixo, conseguiram demonstrar, em grande parte, preparo durante o atual cenário de pandemia, mesmo que em suas próprias casas. Porém, é importante destacar que parte dos respondentes afirmaram que fazem o uso da máscara facial apenas em locais obrigatórios ou que só fazem o uso às vezes, o que levanta o questionamento sobre uma possível resistência ao uso da máscara em sala de aula ou em outras dependências da escola.

Em perguntas abertas, as palavras-chave: lavar as mãos, trocar as roupas, uso de máscaras, álcool em gel e frequência, também aparecem inúmeras vezes e são citadas por todos os

entrevistados. Com este resultado, é importante destacar uma parcela do conhecimento sobre os cuidados no período da pandemia que, aparentemente, são compartilhados pela grande maioria das pessoas. Por conseguinte, o conhecimento universal sobre essas informações parece ser um ótimo indicador de preparo básico, demonstrando assim, que grande parcela de todo o corpo escolar teve, principalmente em casa e através dos meios midiáticos de divulgação de informação, o acesso à instruções de segurança e que podem ser de grande contribuição junto ao protocolo de retorno das atividades escolares da rede de ensino.

Referências

DOS SANTOS, Stephane CA et al. **Aprendizados em tempos de pandemia**. Mostra de Inovação e Tecnologia São Lucas, n. 1, 2020.

DE OLIVEIRA, Adriana Cristina et al. **O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução?**. 2020.
